

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO—ANNO 50 (NUMEROS) 18000 RS., SEMESTRE
(25 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO ANNO (50 NUMEROS) 18425 RS., SEMESTRE
(25 NUMEROS) 570 RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL.. 28000 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ALFANDEGA, NUMERO 7.

AVEIRO

O QUE FOI O CONGRESSO

O unico chefe coerente do partido republicano portuguez tem sido o sr. José Elias Garcia. A sua politica, essencialmente conservadora, evolucionista, transigente, d'aguas mornas, foi igual e sempre a mesma. Um meio termo entre a monarchia e a republica, equilibrio entre Deus e o Diabo, nunca visou a outra cousa senão a apanhar de Pedro o que Pedro lhe podesse dar e de Paulo o que Paulo lhe deixasse ir.

Sem ser um grande talento, tem não obstante a intelligencia necessaria para sustentar, até certo ponto com decencia, esse papel melindroso e difficil em que ora é necessario vencer e moderar as investidas da irritabilidade popular, ora amolecer os receios e as desconfianças d'um throno orgulhoso e d'uma corôa ciosa das suas regalias. Sem largas vistas, sem a perspicacia politica dos grandes espiritos, tem não obstante a longa pratica dos homens e das cousas, a *matreirice* d'este meio dissoluto que compensam de certa forma e até certos limites aquellas eminentes qualidades. E d'esse modo poude estudar devidamente e com profunda consciencia o caracter, a educação, o movel e o valor intellectual dos seus collegas dirigentes. Elle valia mais que cada um e valia mais que todos juntos. E n'essas condições ou mais tarde ou mais cedo se havia de dar o principio scientifico, incontestavel, definido, immutavel: — havia de os absorver a todos elles.

Foi o facto saliente do congresso de julho do anno passado. Embora o sr. Theophilo Braga o tinha descomposto e *calumniado* nas *Soluções Positivas da Politica Portuguesa*. Calumniado sim, porque o sr. José Elias, ou realista ou não realista nos processos que empregava, tinha a coragem das suas opiniões e o decoro da sua coherencia. Emquanto que o sr. Theophilo Braga, especie de malquinho d'Arroios da vida pratica nacional, nunca teve convicções nem crenças definidas. Pôde-se muito bem accusar o sr. José Elias de politica *damnhina*, prejudicialissima, anti-republicana. De nos roubar os nossos ideaes, propositadamente ou não. De nos ludibriar os principios democraticos. Mas para que essa accusação não seja uma torpeza nem seja uma calumnia, é necessario que quem a faça a saiba conservar e afirmar por um exemplo opposto e uma conducta bem diversa. Desde que se venha a applaudir e a cahir no mesmo exemplo e na mesmissima conducta, o puritano da vespera é um vil caluniador e um trampolheiro miseravel.

Embora o sr. Theophilo Braga

o tinha descomposto e calumniado nas *Soluções Positivas da Politica Portuguesa*. Era pudor de meretriz; era pintura de farçante. Elle conhecia aquelle organismo afeminado e historico, droga aviada, producto syphilitico na sanidade humana. Introduziu-se-lhe no corpo e manejou-o á vontade.

Embora o sr. Jacintho Nunes o accusava de regenerador. Elle conhecia aquelle espirito insignificante, aquelle cerebro ôco das conquistas da politica moderna, aquelle typo, ostensivamente recto e austero, mas no fundo um misto de ingenuidade e ambição, de parlapatice e de vaidade. Carregou-lhe no folle habilidosamente e converteu-o no gaiteiro da supposta e censurada regeneração.

Embora o sr. Consiglieri Pedroso o taxava de monarchico. Elle sabia-o um dançarino cheio de projectos de ambição. E descreveu-lhe em côres opulentas e variegadas as vantagens dos seus processos e o triumpho immediato da sua politica.

Embora o sr. Magalhães Lima bufava socialismo e conservantismo ao mesmo tempo. Elle conhecia-o sem valor, sem dignidade, sem fé, sem orientação nenhuma e d'esse não fez o menor caso.

Amalgamou-os, apastelou-os e papou-os. E foi fazer a digestão para o congresso.

Este é o caso. A politica do sr. José Elias, tanto tempo dispersa, tanto tempo individualizada, apresentava-se affim como corpo de doutrina, encarnada, não em meia duzia d'apostolos, em meia duzia de fleis, mas n'um verdadeiro grupo militante e sustentada, que é o caso curioso, pelos seus adversarios d'outro tempo.

E' elle, sr. José Elias, que tem a responsabilidade prima dos processos e do facto. E' elle o maior criminoso da democracia portugueza. Mas criminoso franco, declarado e aberto. Mas criminoso attendivel, mas criminoso que, apesar de ter em nós um encarnizado inimigo, ainda nos merece a deferencia que nos merecem todos que sabem ser constantes e coherentes em alguma cousa n'esta vida. Todo o mundo conhecia o que elle queria e para onde ia. Nunca disse hoje para desdizer amanhã. E' preciso sermos justos e honrados. Ao passo que um Jacintho Nunes só nos merece tedio. Um Theophilo Braga, transfuga e apostata, só merece o repudio de toda a gente digna. Um Magalhães Lima a risota de todo o mundo. E um sr. Pedroso a indignação de quem tem brios.

Procurámos explicar as transformações dos homens, ou frizar os papados e o papa, em que os mais vis foram os papados como sempre. No numero seguinte entraremos precisamente no assumpto do congresso.

O LYCEU

Os desconchavos já eram sufficientes para a corôa de gloria do sr. director das obras publicas. Já eram demais para erguer o nosso Fauno aos céus da immortalidade. O que nós temos desfiado aos olhos dos leitores d'esse pastel immorredoiro que, sob o nome d'officio, o *Campeão* publicou, já era bastante e de sobejo para que o nosso adversario cantasse o seu triumpho. Mas para que não haja a menor duvida, para que seja inteira e completa a apothose, continuemos para deante.

«E' forçoso reduzir as dimensões das aulas ao que for indispensavel. Não havendo probabilidade alguma de uma concorrência de alumnos extraordinariamente superior á d'este anno, nem tão pouco esperanças de que esta cidade atinja as honras de terra de primeira ordem, só pôde ser taxada d'impertinente a pretensão dos que intentam sacrificar a utilidade do ensino á sympathia por uma casa e a economia ao desperdicio.»

Quer dizer, se houvesse alguma probabilidade de maior concorrência d'alumnos, se houvesse alguma esperança de que esta cidade attingisse as honras de terra de primeira ordem, já não era forçoso reduzir as dimensões das aulas. Já não eram enormes aquelles salas, já os professores não eram *compellidos a reunir em volta de si os discipulos*, já o edificio era esplendido, já a pretensão dos que se oppõem á mudança do lyceu não era impertinente, mas muito razoavel, muito justa e muito bôa.

Já viram um typo assim? Quando elle não se entende a si proprio, quando elle diz e desdiz, quando elle, depois de descompôr os amigos julgando descompôr os inimigos, descompõe a sua propria pessoa julgando descompôr a nossa, quem diabo o ha de acreditar, ouvir e respeitar?

O edificio do lyceu não é mau por ser mau. E' mau para Aveiro. E' mau para uma terra de segunda ordem ou de terceira. Para Lisboa ou para o Porto seria magnifico.

Até que emfim! Chegou a essa declaração e chegado ahí a polemica cahiu por falta do mais pequeno elemento para continuar.

Pois o que é que faz uma terra grande, oh misero Calino, que de tombo em tombo deixas a pelle toda nos calhaus do caminho escabroso em que te metteste? O que é que lhe attrahe a concorrência? O que é que a impõe aos visitantes? O que é que lhe desenvolve o commercio e a industria? Não são as vias de comunicação, não é a exploração das suas fontes de riqueza, não é o seu engrandecimento material? E não tem Aveiro enormes recursos? E não se presta a um progresso immediato? O que lhe falta? Falta-lhe precisamente ser cidade. Falta-lhe attrahir as at-

tenções. Falta-lhe o encanto artificial. Falta-lhe chamar as vistas e a concorrência ás suas excepcionallissimas bellezas naturaes. Faltam-lhe bons edificios, faltam-lhe largos, faltam-lhe praças, faltam-lhe ruas convenientes, falta-lhe tudo que medianamente constitue o progresso e a civilização dos nossos dias. E é-lhe impossivel, é-lhe mesmo difficil obtê-lo? Não, se pozer de parte v. ex.º e outros tantos parasitas e tortulhos que a dilaceram e a sugam.

Não ha esperanças! Não, emquanto v. ex.º fizer quarteis, emquanto v. ex.º projectar vandalismos de toda a casta e especie, emquanto v. ex.º estragar o novo edificio ou seja para lyceu ou seja para repartições publicas, porque o ha de estragar, emquanto v. ex.º, com consentimento e applauso das estações officiaes, proferir as heresias que está profirindo n'este instante. Não ha esperanças emquanto o sr. Jayme de Magalhães Lima defender a extincção d'este districto. Não ha esperanças emquanto o sr. Manuel Firmino estragar o Rocio, estragar a soberba e nunca esquecida alameda de Santo Antonio, estragar ruas com alinhamentos deploraveis, estragar tudo, porque é um homem sem talento, sem gosto e sem merito. Isso lá não ha esperanças. Mas passa a havê-las immediatamente se esta população se resolver um dia a correr á vassoirada, como nós n'este jornal vimos fazendo ha muito tempo, todo o lixo e porcaria que se amontôa á sua frente.

E' bôa! Se esta terra fôsse uma terra de primeira ordem, o edificio do Largo Municipal era soberbo para lyceu. Como não é, toca a botar abaixo. Em lugar de a fazerem progredir, tratam só de a fazerem recuar. Pois se o Antonio Vieira jurou que Villar ainda ha de vir a ser melhor do que Aveiro!

Não havendo probabilidade alguma de uma concorrência d'alumnos extraordinariamente superior á d'este anno! Essa já não é de cabo d'esquadra, é de galucho. Então o mundo anda para traz ou para deante, oh alminha do senhor?! Se as populações crescem, se a civilização augmenta, se as necessidades sobem de dia para dia, claro é que todas as probabilidades são por que augmentem os alumnos e não porque estacionem ou diminuem.

Actualmente, os professores são *compellidos a reunir em volta de si os discipulos para os ouvirem e para serem ouvidos!* Pois se soffrem da larynge, vão para as Caldas. A cidade não tem culpa das fraquezas de garganta de suas ex.ºs. Quem escreve estas linhas frequentou muitos annos o lyceu e nunca viu um professor, a não ser o sr. Elias Fernandes Pereira, reunir os alumnos em volta de si. Não os reunia o velho Germano. Não os reunia Bernardo Xavier de Magalhães. Não os reunia o padre Figueiredo. Não os reunia Clemente Pereira Gomes de Carvalho. E nem mesmo os reunia João José Pereira de Souza e Sá. Todos os seus alumnos

os ouviam muito bem. E elles ouviam muito bem os seus alumnos. E só sendo surdos é que não os ouviriam, porque era junto dos professores que cada um d'elles, em harmonia com o que se usa em todas as escolas, vinha dar lição.

Mas é pêta. O sr. Araújo já não sabe o que diz nem o que escreve. E' pêta, porque os professores, como vimos muito bem, pedem n'um novo edificio salas maiores que algumas salas do edificio actual. Pêta e repêta!

«Ninguém vae demolir o edificio nem deshonra-lo. Se fôr destinado ás repartições publicas abrigará o Governo Civil, Repartição de Fazenda, Junta Geral, Tribunal Administrativo e Direcção das Obras Publicas.»

Em estes simples periodos fundamenta logo as conclusões que se seguem:

1.º O edificio actual, além de outros inconvenientes, não pôde satisfazer ás exigencias do ensino sem transformações dispendiosas e sem acquisição de novos terrenos adjacentes.

2.º Para as repartições publicas o predio presta-se bem, mediante economicas alterações.»

Ahi volta elle a focinhar na lama. Mas em que cabeça mette o sr., postos mesmo de parte os excellentes trabalhos da benemerita commissão José Estevão, que seja mais facil e mais barato accommodar o edificio a seis instituições importantissimas e diferentes do que a uma só? Em que cabeça, ou seja a cabeça do Inverno, ou seja a cabeça do Enguia, ou seja a cabeça do Cordeiro, ou seja uma cabeça do tamanho e da força do inferno, mette o sr. que se gaste menos em dividir com uns pobres tabiques os dois salões do pavimento inferior do edificio do Largo Municipal do que em volta-lo de baixo a cima, e por artes do diabo ou por artes de burro que ninguem sabe por artes humanas como o sr. ha de fazer tanta cousa, para n'elle accommodar o Governo Civil, a Repartição de Fazenda, a Junta Geral, o Tribunal Administrativo e a Direcção das Obras Publicas? Em que cabeça mette o sr. que o edificio referido seja *deficiente* para lyceu e não o seja para essa babilonia de repartições publicas? Isso vê-se á priori quanto é tolo e quanto é absurdo. E depois dos clarissimos e positivos trabalhos da commissão José Estevão, se já se sabia que o Jacintho deshonrará a Universidade por lhe ter passado a carta de bacharel, fica-se sabendo que v. ex.º não dá mais honra e mais lustre á escola que lhe passou a carta d'engenheiro.

Quanto aos terrenos adjuntos, lá os teem. Lá os citou o sr. director das obras publicas. Comprem-n'os. Quem gastou dez contos em festanças reaes que gaste um em objecto d'utilidade publica. Quem semeia dinheiro com galopinagens e outras infamias que applique ao menos uma centessima parte convenientemente. Quem nos expolia, quem nos esbanja os nossos rendimen-

tos, que tenha consciencia por um instante. Ah! boa vassoura nas mãos d'um povo que conhecesse os seus direitos!

«Sendo alojadas alli as repartições, o edificio poderá ser mais visitado e visto. Constantemente patente á consideração publica será muito mais frequentado que seria como lyceu.» E n'estes períodos fundamenta a sua sexta conclusão estapafúrdia!

Já o portaguez é medonho! Será muito frequentado... porque está constantemente patente á consideração publica. A inversa é que poderia ser exacta. Mas desde que as Universidades e as Academias desataram a passar cartas de bachareis a torto e a travéz é isto que se vê.

Oh santo indigena do Sertão das Pescadeiras, que correlação tem esse motivo asinatico com o objecto principal que se discute? Então peça que se converta em feira da ladra a igreja dos Jeronymos. Então peça que se converta em taberna a capella de S. João Baptista. Ficam assim, sem duvida, muito mais frequentadas e muito mais patentes á consideração publica.

Nós temos ouvido muito disparate. Mas dispartes que tanto assombro nos causassem confessamos que é a primeira vez.

Patente á consideração da galopinagem eleitoral e dos labregos que vão tirar passaporte para o Brazil. Ora o maldicto!

Pois isso, que o sr. invoca como razão suprema do vandalismo que defende, é exactamente um dos motivos principaes da nossa opposição. Não queremos que o sr. e o Antonio de Villar, que se os progressistas durarem muito tempo ainda chega com certeza a governador civil, prostituam a memoria santa e sagrada de José Estevão. Patente á consideração publica! Ora o maldicto! Porque não pega o sr. no tumulto de S. Joanna e não o colloca no Rocio? Porque não pega o sr. na imagem *Ecce homo* e não a põe na Praça do Peixe? Que grande Calino!

«Por outro lado o monumento ao grande tribuno terá a vigilancia das sentinellas, emquanto que para outro fim as portas seriam cerradas de noite, sem que por aquelle lado houvesse garantia de segurança contra os mal intencionados.»

Aqui, os leitores estalam os côzes incontestavelmente. Vah-o Deus. Se lhe causam orgulho as sentinellas dá-se-lhe uma sentinella! Nunca se viu a guarnição de uma cidade reduzida a seis soldados e um cabo, como em Aveiro. Se isso é argumento attendivel, e parece incrível que um director das obras publicas desça a calinadas de tal ordem n'um documento official, se a sentinella da cadeia não preenche o fim de vigilancia e preenche, dá-se-lhe uma sentinella especial ao monumento. Dá-se-lhe uma sentinella, homemsinho! E ainda a guarnição da capital d'este districto fica sendo unicamente de nove soldados, um sargento e um cabo. Sufa, que é demais.

«As relações reciprocas da estação telegrapho-postal, camara municipal, governo civil, tribunal administrativo, repartição de fazenda, direcção das obras publicas e junta geral obrigam á proximidade e á centralisação no mesmo recinto.»

Em parte alguma se dá essa centralisação. Nem mesmo em Lisboa, onde era mais necessaria que em outra qualquer parte pelo tamanho da cidade. Mas supponhamos. Aceitemos como bom esse principio. Quem tem a culpa de elle se não executar? Porque não expropriaram as ruínas da casa Rezende? Porque não expropriaram as ruínas do hotel Cysne do Vouga? Porque não expropriaram a Misericórdia? Porque não expropriaram a casa Antonio José Lopes? Continuam, ao que se vê, as descomposturas nos amigos.

«Ao edificio do Lyceu convem local socogado, sem distrações

nas proximidades o onde as vendas sejam economicas, com um retiro proximo e hygienico para estudo e passeio.»

Olá, olá sua figura! Então quando queria fazer capoeiras de gallinhas no quinta Ferreira de Souza não se importava com socogos nem com distrações, hein? Uma entrada commun para lyceu e para repartições e só depois é que se lembrou dos socogos e das tranquillidades! Não profere uma palavra que não se contradiga. De resto n'uma terra do tamanho da nossa só por ridiculo se admite a tal das vendas economicas, ridiculo que n'outro artigo folhinámos.

E assim temos respondido ponto por ponto a todas as objecções dos partidarios da mudança do lyceu. «Se todos os professores por unanimidade optaram pela construcção de casa propria para ensino, com que direito pretendem os que desconhecem os espinhos do ensino sacrificar aquelles sobre quem pesam responsabilidades e trabalhos?»

Com este. Com o direito da critica larga, aberta, desenvolvida, completa. Com o direito de cidadãos que pretendem, não sacrificar os outros mas não se deixar sacrificar a si. Com o direito de dez mil a pensar contra dez. Com o direito da argumentação e do estudo.

Esta polemica terá sido longa, mas é benemerita. Nós queriamos que nenhum leitor ficasse com uma duvida, uma só hesitação no seu espirito. Nem uma só palavra, nem um só argumento dos nossos adversarios deixámos de apreciar e discutir. Que façam elles o mesmo e ficaremos satisfeitos. Que provem a razão e o publico decidirá como juiz. Entretanto ficamos de capa á espera dos acontecimentos.

JOÃO DE DEUS

Foi apresentado na camara dos deputados um projecto para que o methodo João de Deus fosse considerado o methodo nacional de leitura e para que ao eminente poeta fosse concedida a pensão de 900.000 réis annuaes, com o encargo d'inspector do novo systema.

Applaudimos calorosamente. E se alguma coisa notámos de mau é que seja minguada a retribuição offerecida ao grande benemerito portugez. João de Deus não é só um grande talento, um poeta de primeira plana. É um reformador, um patriota carregado de serviços. E n'esses casos para elle e por elle a nossa acquiescencia decidida e firme.

Carta de Lisboa

17 de Fevereiro.

A aggressão, de que foi victima o sr. Pinheiro Chagas, continua a fornecer preciosos elementos a quem queira estudar a sociedade portugeza, friamente e sem paixões.

Antes de tudo é de notar que nenhum jornal se lembre de dar o criminoso por doído, como d'uso e costume dão todos os tratantes d'esta nossa boa terra. É um côro indignado d'imprecações e maldições contra o aggressor, que chegou a assustar a gente. Um malvado! Um perverso! Um infame! O peor dos homens e a mais vil das feras.

Ora quem se recorde do horroroso assassinato do cabo Pereira, não pôde deixar de ter á conta de muito exaggeradas as exclamações da sr.^a imprensa e de se rir das suas poses theatraes. Em primeiro lugar, porque sendo o crime do Marinho da Cruz sem duvida muito mais repugnante, vil e odioso do que o crime do

tal Pinto, a imprensa limitou-se a falar dois dias no acontecimento e agora ha dez que nos atróa os ouvidos com o caso em questão. E' porque da outra vez a victima era um pobre cabo e agora é um ministro d'estado honorario? A' face da sociologia, da humanidade e da lei essas differenças não conseguem outra coisa senão explicar e fazer compreender as bestialidades e os desvairamentos de quantos Pintos tenham existido, existam e possam existir.

Em segundo lugar, porque sendo o Marinho da Cruz um miseravel repellente logo teve na imprensa palavras de commiseração e dô. E sendo o Manuel Joaquim Pinto um criminoso com outras circunstancias atenuantes, ainda não ouvimos uma só voz, nem mesmo nos jornaes que tinham obrigação de a erguer pelas suas apregoadas cantatas de humanitarismo, não a seu favor, que não se pôde defender, mas ao menos chamando para elle a compaixão que se tem chamado para os outros todos. Se fossemos nós, que nunca attenuámos nem chorámos Marinhos da Cruz, Antonios Coelhos e quejandos, comprehendia-se. Mas esses para quem o Antonio Coelho era um martyr e o Marinho da Cruz um louco!... Já não é incoherencia. Chega a ser patifaria revoltante. Sim, recordar-se a gente da feza calorosa que *Folhas do Povo*, *Seculos* e mais sucia tomaram do Antonio Coelho, o dô que manifestaram pelo pobre louco Marinho da Cruz, e vê-los agora a vociferar contra a fera Manuel Joaquim Pinto é de lhe dar com um diabo na cara.

Se fossemos nós, partidario da pena de morte, que cada vez mais convictos só admittimos como unico castigo d'esses assassinos repellentes, que de vez em quando commovem o mundo com as suas façanhas horrorosas, cortar-lhe a cabeça, talvez não fosse de pasmar á primeira vista. A' primeira vista, porque no fundo temos o dever de ser coherente e como coherente de estabelecer alguma distancia, como estabelecem os sentimentalistas, entre Pintos e Marinhos da Cruz. Com a differença de que os sentimentalistas estabelecem-na contra o Pinto. E nós estabelecemo-la a favor.

Revolta esta parcialidade vergonhosa da imprensa. Não tem comparação alguma o crime do Pinto com os crimes d'um Antonio Coelho e do Marinho da Cruz. O primeiro d'estes dois matou por um motivo futilissimo e com a intenção firme de matar. O segundo por um motivo asqueroso e com a mesma intenção. O Pinto, nem só não está provado que tenha dado com a intenção de matar, porque ninguem sabe onde vai ter uma pancada despedida por uma bengala de ferro, nem o motivo é tão futil como o que rem suppôr. Se elle fosse irmão de Luiza Michel estava mais do que justificado. E quem nos diz que o fanatismo politico não lhe incutiu no espirito maiores susceptibilidades e melindres pela honra d'aquella mulher de que se fosse seu proprio irmão? E não foi ella insultada? Foi, e com muita aspereza e violencia.

Depois o Pinto, que tanto se accusou de covarde no primeiro instante, sabe-se hoje, pelas testemunhas, que atacou pela frente.

Não quero com isto defende-lo, Deus me livrasse de tal. Não conheço o homem, nunca o vi. Não tenho a menor sympathia pelo anarchismo, pelo contrario. Mas que o conhecesse, mas que a tivesse! Nada me levaria a defender um criminoso.

O que me revolta, e o que revolta a grande massa pensante, é este facciosismo, esta parcialidade, este desvairamento da imprensa, que tendo tecido corôa de martyr ao grande patife Antonio Coelho, tendo defendido em parte a loucura do infamissimo Ma-

rinho da Cruz, e tendo em todo o caso erguido vozes de commiseração para com todos os malandros, não tem agora uma d'essas palavras de dô ou allegações de loucura para o Manuel Joaquim Pinto, antes o persegue com anathemas e vituperios a cada instante, porque a victima não é um alferes desconhecido ou um cabo infeliz, mas um conselheiro e ex-ministro d'estado. E' isso exactamente que produz o anarchismo e que o continuará produzindo.

A educação, a educação, escrevia um dia d'estes qualquer jornal de Lisboa. Pois eduquem. De quem é a culpa? E' dos que tem falta d'ella, ou é da sociedade que os despreza e que lh'a nega? Se o proprio sr. Pinheiro Chagas houvesse sido mais austero e firme de character, se não gastasse o seu talento e a sua actividade em sancionar todas as prepotencias e desigualdades que ahí vão, se não fosse cúmplice d'uma politica que elle foi o primeiro a classificar de politica de serrallo, não teriam talvez os seus amigos e nós todos de chorar a desgraça que o feria.

A educação! Pois eduquem, que se tivessem educado o Manuel Joaquim Pinto é possivel que elle não fosse a estas horas um grande criminoso. Se por uma lei previdente o não tivessem feito engeitado, se por outra lei previdente o não tivessem abandonado á ventura da sorte, se por outra o não tivessem compellido ao serviço militar, esse provavel assassino poderia ter sido um cidadão justo e prestante. E quem o abandonou? E quem lhe faltou com essas leis de previdencia? E quem lhe negou protecção e auxilio? E quem o lançou á margem? E quem o fez assassino, como tem feito outros muitos? Foram esses mesmos que lhe lançam epithetos affrontosos n'este instante. Foram os companheiros, os amigos e os collaboradores da propria victima que todos chorámos. Duas victimas, que se prendem intimamente, se succedem e se produzem n'esta immensa cadeia social que se chama uma nação ou um povo.

O anarchismo não é um producto espontaneo e fortuito. E' o fructo de muitas vilezas, um grito de desespero por entre muitos soffrimentos e dôres. O anarchismo desaparece quando nós todos fórmos mais altruistas e mais justos. Emquanto a usurpação, o privilegio e a prepotencia forem a norma social, podem empregar as repressões que quizerem, que o desespero, ou o anarchismo, ou a revolta, surgirá sempre ameaçador e terrivel como a hydra de Lerna. Principalmente n'um paiz como o nosso, onde se extinguiram todos os principios de moralidade, justiça e boa ordem.

Os primeiros e verdadeiros anarchistas são os homens que nos governam e mandam. Se todos elles, regeneradores e progressistas, fizeram taboa raza do decôro e do respeito social, o que esperam e o que querem? Se os proprios republicanos lhe vão no encaço da desigualdade, da prepotencia revoltante, do privilegio odioso, que admira que existam os anarchistas? Admirado estou eu, mas é d'elles não nos surgiram debaixo dos pés como os cogumellos. *Cá irá*. Esperem pelo tempo e verão.

Antes de tudo devemos attentar n'estes factos e n'estas considerações importantes para quem se quer sobrepôr com algum tino e seriedade a essa corrente de sentimentalismo piegas, que se desencadeou, para ahí. Depois, senão mais, mas tão repugnante como essa parcialidade e estupidez da imprensa, que muitos é por estupidez que não raciocinam como devem, é a arma indigna com que se tem querido converter o triste successo. Até d'isto se tem feito politica, politica porca e indecente que é a maior atenuante do Pinto. Paiz onde se

desce a taes expedientes está reclamando anarchistas aos centos. Refiro-me ao facto de se attribuir a aggressão do sr. Pinheiro Chagas a instigações do governo. E' baixo, e tanto mais quanto é certo serem os accusadores os primeiros a estarem convencidos da falsidade da accusação. E eis porque nós nos afundámos cada vez mais na lama em que estamos mettidos. Não quero com isto salvar o decôro dos homens da situação. Já demonstrámos que tanto elles como os adversarios são mais criminosos que o proprio criminoso, e estou certo de que em circunstancias identicas empregariam a mesma arma que os outros empregam. Quero apenas accentuar o grau de decadencia a que isto chegou.

E' uma verdadeira desgraça.

—O *Seculo*, que em logar de aproveitar esta occasião para afirmar o systema dissolvente, corruptor e devasso do regimen actual, tem sido o porta estandarte das indignações do conservantismo indigena, dizia um dia d'estes que o Pinto ia ás *sessões publicas* dos clubs republicanos exercer o mister d'espiao.

Espiar nas *sessões publicas*! Olhem que tem graça. Ainda que não fossem publicas, realmente ha de haver muito que *espiar* nos nossos clubs republicanos! Se o homem era agente realista, perdeu o tempo e roubou quem lhe pagava.

Accrescentava o mesmo jornal, que tem por primeiro redactor um individuo — que não confia na força e prestigio do ideal de justiça democratico e na victoria certa dos principios republicanos, que o dicto Pinto ia provocar *desordem* aos clubs combatendo as *ideias* dos oradores republicanos.

Provocar desordem combatendo as ideias dos oradores republicanos! Vale quanto peza. Porque lhe podiam bater, não é isso? E batendo-lhe davam provas de toda a tolerancia e liberdade que anima os futuros salvadores da patria! Bem bom.

—O sr. Mariano de Carvalho declarou hontem na camara dos pares que não havia paiz de maior hombridade que este. Que é verdade elle e outros muitos terem chamado ladrão a Fontes. Mas que lhe renderam a verdadeira homenagem de virtude assim que o estadista morreu. Que é verdade elle e outros muitos terem chamado ladrão e mais gentilezas ao sr. Pinheiro Chagas. Mas que lhe chamaram o homem justo logo apoz a aggressão.

Que grandes bandidos! Ah, *bons anarchistas!*...

X.

Carta da Bairrada

Fevereiro, 17.

Vae rennir-se em Lisboa, no principio da proxima semana, o congresso agricola, promovido pela *Associação da Agricultura Portuguesa*.

A esse certamen, devéras sympathico e unico no nosso paiz, concorrerão em subido numero os agricultores nacionaes, convidados com notavel diffusão pela digna Associação que tocou a seu cargo o agrupamento da grande familia agricola para, em commun, tratar dos seus interesses mais palpitantes e discutir as suas questões e as suas necessidades mais imperiosas.

Região vinhateira, não sabemos se a Bairrada terá representantes officiaes dos seus municipios no annunciado congresso.

Pensamos que teria sido util para os interesses vinicolas da Bairrada que no congresso de Lisboa alguma voz se ouvisse, dimanada das municipalidades que formam esta circumscripção vinicola. De Cantanhede até Oliveira do Bairro, quatro concelhos importantes dentro da zona que se chama «Bairrada», alguém,

muita gente até, com manifesta illustração e conhecida aptidão, estaria no caso de representar a localidade, fazendo ver no congresso qual o estado da viticultura indígena e quaes as suas necessidades, as iniciativas e as providencias a reclamar. Não seria inteiramente improficuo que as camaras da Bairrada fizessem ouvir, por meio de delegados locais, o que se passa n'esta região, onde, como actualmente, pela falta do mercado de França, vae uma apalhia enorme no commercio de vinhos. Não será caso para pensar, e pensar muito a serio n'este problema: o que offerecerá maior contingencia ao viticultor — a crise phyloxérica, ou a falta de mercados para a venda facil dos productos vinícolas?

Devemos á Associação Central da Agricultura Portuguesa, na qualidade de obscuro escriptor agrícola e modesto viticultor, o nosso bilhete de admissoão ao congresso; e se motivos extraordinarios não nos impedirem de aceitar a honra que recebemos, ao Povo de Aveiro, como a outros jornaes onde collaborámos, destinámos algumas notas e impressões que houvermos de colher na notavel reunião que vae realisar-se em Lisboa, representando as forças vivas da agricultura portugueza.

NOTICIARIO

O «Povo de Aveiro» vende-se em Lisboa, na rua do Arsenal, n.º 96.

Aos srs. assignantes

Continuamos a pedir aos srs. assignantes das localidades abaixo mencionadas o obsequio de mandarem pagar os semestres já vencidos:

Arada, Costa de Vallado, Esgueira e Silveiro.

A circumstancia dos auctores dos artigos publicados nos nossos jornaes nunca os reverem faz com que saiam ás vezes lapsos e até erros grammaticaes, que os leitores tomarão na conta devida. Por mais perfeita que seja a revisão, e a do nosso jornal não é das piores, em nenhum periodico é possível evitar essas irregularidades.

No ultimo numero, artigo — Lyceu, onde sahio: — «Como é crível que seja menos dispendioso apropriar aquelle edificio a lyceu, que a tantas e tão variadas repartições?» Devia sahio — ... mais dispendioso etc. E outros erros de somenos importancia.

A todos os jornaes que noticiaram o nosso setimo anniversario, e em especial ao *Combate*, *Beirão* e *Officina* agradecemos as phrases benevolentes que nos dirigiram.

Temos em nosso poder um communicado do sr. Carramate Junior, da Mealhada, que não publicamos hoje por escassez completa d'espaco. Irá no proximo numero.

Na travessa dos Mercadores acaba de se abrir uma casa de pasto, de que é proprietario o nosso amigo sr. Manuel Francisco Leitão. O novo estabelecimento acha-se montado com todas as condições para bem servir o publico, sendo por isso de crer que este o auxilie. Além dos preços serem muito em conta, as boas maneiras do seu proprietario convidam tambem a visitar-se a nova casa de pasto.

O carnaval entre nós vae recuando a passos agigantados, e, a continuar assim, não tardará muito que o vejamos desaparecer de todo.

Este anno foi d'uma sensaboria a toda a prova. Uma publice tudo o que se exhibiu por abito nos ultimos dias. Se não fossem os bailes de mascarar, o estrudo teria passado sem ninguem dar talvez por isso. Foi a unica nota alegre no meio de toda esta insipidez.

Na terça-feira, principalmente, os salões estavam cheios de gente e de... vinho. Mal se podia respirar. Muito encontrão, muito callo pisado, trambolhões, alguma lambada de mistura, prisões, o diabo.

De resto a folia prolongou-se por os dominios da quaresma, como é costume. Um sacrilegio a que nem toda a carolice em peso será capaz de pôr termo!

Desde domingo que as guardas da cadeia e lyceu são feitas por infantaria 23. Para esse fim chegou no dia anterior de Coimbra um destacamento de 30 praças d'aquelle regimento.

Uma senhora de Lisboa fez voto de mandar resar uma missa da esmola de 18000 réis, por alma de um seu parente ha pouco fallecido. E como achasse de pouca devoção dar do seu bolso essa quantia, resolveu mendigal-a de porta em porta, não recebendo senão uma moeda de 5 réis de cada casa.

Correu assim 200 portas, pelo menos!

Muito podem a ignorancia e o fanatismo!

Segundo as declarações feitas ao vice-consulado de Portugal, em Oran, pelo capitão do hiate *Resolvido*, d'esta praça, cuja tripulação foi heroicamente salva e soccorrida com a maior dedicação pelos tripulantes do vapor francez *Ville de Tarragone*, consta não ser exacto, como se dissera, que um navio inglez se recusasse antes a prestar-lhe soccorro, nem tão pouco que o contra-mestre se afogasse por se haver lançado ao mar, para alcançar esse navio.

Na freguezia de S. Romão do Sado, Alcacer do Sal, acaba de fallecer uma mulher com 106 annos de idade. Deixou numerosa prole: 18 filhos, 6 netos e 12 bisnetos.

Na provincia do Rio Grande do Norte, diz a *Provincia de S. Paulo*, a propaganda abolicionista tem conseguido os mais esplendidos resultados.

Para levar a effeito a completa libertação da provincia organisou-se uma Sociedade Libertadora, que publica quinzenalmente um boletim, dando conta dos seus trabalhos.

Segundo o n.º 1 d'esse boletim, na provincia já estão livres as seguintes localidades:

Municípios—Mossoró, Caraúbas, Triunpho.
Cidades—Assú, Penha, Jardim.
Villas—Macayba, Papary.
Povoação—Utinga.

Honra ao Rio Grande do Norte!

Determinou-se o seguinte:

Que se aprovelem os projectos e orçamentos, na importancia de 4:938\$000 réis, datados de 26 de janeiro ultimo, relativos á construcção d'um ramal da estrada districtal n.º 54-A, de Aveiro a Cantanhede, comprehendendo entre Quintão e Oliveirinha, na extensão de 3:419^m, 22;

Que se proceda á execução dos trabalhos por empreitadas parciaes ou tarefas, auctorisando-se o director das obras publicas do districto de Aveiro a dispendir, com a referida obra, no actual anno economico, a quantia

de 4:938\$000 réis, importancia, em multiplos de milhar, dos capitulos 1.º a 6.º do respectivo orçamento.

Tambem se ordenou que o director das obras publicas do districto de Aveiro faça elaborar um projecto e orçamento adicional para a ligação, que egualmente se determina, no referido ramal com o apeadeiro de Quintão.

O Brazil acaba de ser dotado com a sua primeira doutora.

E' a sr.ª D. Rita Lobato Velho Lopes, natural do Rio Grande do Sul, que acaba de receber o grau da faculdade de medicina da Bahia.

A commissão executiva do Grande Congresso Internacional de Bruxellas de 1888, acaba de fazer uma concessão de 1:800 metros de terreno, para uma exhibição interessante que, por certo, ha de attrahir um grande numero de visitantes.

Trata-se d'uma tribu de pahuenses indigenas, que habitam as florestas virgens da Africa Central. Esses filhos da grande terra equatorial, tão estranha como mysteriosa, obterão por certo um successo de curiosidade e offerecerão um curioso assumpto de estudos para os ethnologistas.

A respeito do pittoresco, pôde-se apreciar quanto similhaente a exhibição deve possuir de originalidade e atractivo. As narrações e descrições dos viajantes que exploram o Gabão seriam o melhor dos reclames. Deve-se acreditar tambem que os ditos pahuenses interessam o publico em geral visto que um lugar espacoso lhes foi egualmente reservado na exposição franceza de 1889.

Está calculado em 30:000\$000 réis o producto da sardinha que os galeões e as armações de pesca apanharam na costa de Setubal em todo o mez de janeiro ultimo.

Na provincia de Granada, Hespanha, o phyloxera atacou 18:000 hectares de vinhedo.

Em alguns districtos d'aquelle paiz o estrago foi terrivel.

Assim no districto de Albulon, em 8:140 hectares de vinhedo, escaparam apenas 17, e no de Motril, de 5:684 hectares ficaram indemnes 46.

—Antes da invasão da phyloxera do mildew em França havia 2:503:000 hectares de vinhedos, e hoje ha apenas 2:000:000.

Durante o anno de 1887 foram destruidos pela phyloxera 2:000 hectares e invadidos 9:000.

Quanto ás colleitas no anno ultimo: diminuiram 3.500:000 hectolitros sobre a producção de 1886.

Publicações recebidas

Accusamos a recepção das seguintes, que agradecemos:

Os Amores do Assassino, por M. Jogand, illustrado com bellas gravuras e chromos a finissimas côres. Fasciculo n.º 4.—Editores, Belem & C.ª, rua da Cruz de Pau, 26, Lisboa.

—*A Illustração Portuguesa*, revista litteraria e artistica. N.º 30, do quarto anno.—Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar, Lisboa.

—*O Mundo Elegante*, magnifico jornal de modas. N.º 7, do 2.º anno.

—*As Doidas em Paris*, por Xavier de Montepiu, illustrado com primorosas gravuras e chromos a finissimas côres. Segunda edição. Caderneta n.º 14.—Editores, Belem & C.ª, rua da Cruz de Pau, 26, Lisboa.

—*Adubos chimicos e organicos*, resultados obtidos e regras praticas para a sua applicação. Estes adubos são preparados pela Companhia Real Promotora da Agricultura Portuguesa e o seu emprego tem dado os melhores

resultados. Foram premiados na exposição do Porto com o diploma de merito.

—*Relatorio da Sociedade Portuguesa de Beneficencia no Rio de Janeiro*, apresentado á assembleia geral no dia 20 de novembro de 1887 pelo presidente italiano o sr. José João Martins de Pinho, e parecer da commissão de exame de contas.

—*Relatorio do Banco Mercantil de Lisboa—1887.*

COMMUNICADOS

Sr. redactor do *Povo de Aveiro*.

Peço desculpa de o importunar mais uma vez, mas onde ha responsabilidades de caracter e de honra querem-se liquidadas, sejam ellas pesadas a quem for. Ora V. lembra-se de um documento que obtive da redacção do *Povo de Aveiro*, no qual se explicava a conducta do sr. José Manuel Rodrigues com respeito a esse jornal.

Sr. redactor, V. ignorava talvez para que era esse documento. Pois eu vou contar, não só a V. mas tambem ao publico, o fim para que o pedi. Foi e seguinte:

Eu sou socio fundador do Club Victor Hugo. Aquelle centro republicano não tinha outro lemma senão republica. Agora não sei se o cumpre com a severidade e firmeza que é devida, porque allí não ha senão ferrenho opportunismo. Mas se oppoertunismo é republica, então está bem!...

Mas o ponto principal é este. O *Povo de Aveiro* allí é tido como jornal não republicano e os seus redactores sempre censurados acrememente. O unico a favor era a minha humilde pessoa, havendo allaz allí outros filhos do districto de Aveiro, sendo de todos eu o menos conhecido pessoalmente dos directores e redactores do mesmo jornal. No dia 31 de dezembro ultimo achando-me em no dito club, onde estava o sr. Rodrigues e outros, começou-se a discutir politica. O sr. Rodrigues foi o que se sahio mais saliente com applauso de todos presentes menos eu, que estava só como sempre. Tanto censurou a politica do *Povo de Aveiro* e seus homems, que eu disse-lhe:

—Olha, Rodrigues, tu sempre gostaste do *Povo de Aveiro* e lêste-o sempre de graça. Agora pediam-te dinheiro porque não queriam ou não podiam dar-t'o sempre de graça e tu o que fizeste? Deixaste logo de o querer. Agora eu não sei se deixaste de o querer por não gostar da politica d'elle ou se foi por não queres pagar.

Diz elle:
—Paguei tudo. Não devo nada. Se o não paguei algum tempo foi porque m'o offereceram de graça.

Respondi eu:
—Dessem-t'o de graça ou tu não o pagasses, o certo é que nunca pagaste cousa nenhuma.

Elle fulo apresentou duas libras para apostar em como era falso o que eu dizia e em como não devia nada ao *Povo de Aveiro*. Eu accitei a aposta n'essas condições, ficando depositario do dinheiro o sr. Manuel Nunes Ferreira e como testemunhas os srs. Manuel Raymundo da Cruz e José Bernardino Gonçalves. Depois eu tinha de apresentar provas da aggressão que lhe fiz e foi para isso que eu obtive do sr. director do jornal o attestado de bom comportamento do tal cavalheiro e por isso ainda lhe peço o especial favor de publicar o que consta do dito documento, isto é, se pelos livros dos assignantes o sr. Rodrigues deve ou não alguma cousa ao jornal *Povo de Aveiro*. Depois contarei o resto, que é o mais interessante.

Desde já me confesso muito amigo e obrigado.

Lisboa, 4—1—88.

João Ferreira.

José Manuel Rodrigues?! Temos ideia d'este nome. Tristes reminiscencias nos acodem ao espirito! Conhecemos um que desflorou uma criança, filha da mulher com quem vivia. E a pobre criança lá foi expiar em terras d'além mar a infamia do patife. Lançada á margem, como cão lazarento e repellente!

Ah! Só a fraqueza da mulher e a benevolencia criminosa dos que o conheciam fez com que o grandissimo tratante não pagasse na Penitenciaria o negro crime!

Conhecemos outro, que escrevia cartas ao proprio irmão infamando-lhe a esposa.

Ah! Só a vergonha do irmão fez com que o grandissimo patife não pagasse no Limoeiro a infamia!

Conhecemos outro, que depois de ter insultado e babado um certo cavalheiro n'um famoso communicado que o *Seculo* publicou, negando a paternidade do artigo e fugindo-lhe á responsabilidade não só fez com que o sr. Magalhães Lima levasse quatro taponas em vez d'elle, como acto continuo applaudiu essas taponas quando o proprio aggressor lh'as referia.

Qualquer d'essas historias seria um capitulo curioso que a policia, sem duvida, não deixaria passar impunemente.

Ora se fosse a qualquer d'esses tres que se referisse o communicado que ahi fica, nós desde já declaravamos ao nosso bom amigo João Ferreira que com tal homem não se aposta nem se fala. Nem uma palavra só diriamos. Mas como não é nenhum d'esses, como não o pôde ser, como ha mais Marias na terra, ha de ser a respeito d'um dicto José Manuel Rodrigues, que encontramos no nosso livro d'assignantes e de que consta o seguinte:

Foi assignante do *Povo de Aveiro* desde a sua fundação, pagando dois semestres, ou desde o n.º 1 até ao n.º 50. Ficou devendo os jornaes que lhe foram enviados desde o n.º 51 ou desde 14 de janeiro de 1883 até ao dia em que partiu para a Africa. Suspendeu-se-lhe durante o tempo em que não esteve em Portugal. Recebeu-o de graça durante um anno aproximadamente depois que regressou. Começando a pagalo de novo, recebemos a importancia d'um semestre decorrido de julho ao fim de dezembro de 1886. Devolvendo o n.º 269 ficou a dever do n.º 255 até esse, sem responder ás cartas em que se lhe pedia essa importancia.

Note-se que quem não é caloteiro não sabe o que deve muito bem. Não precisa de lhe o peçam. O nosso empregado só o pede aos caloteiros. Ora não tendo o tal Rodrigues satisfeito a sua divida logo que devolveu o jornal, não tendo ainda pago quando lh'a pediam, parece-nos que o nosso amigo João Ferreira tem todos os elementos para o poder avaliar. E ahi fica satisfeito o seu pedido.

CASA DE PASTO

MANUEL FRANCISCO LEITÃO, participa aos seus amigos e ao publico, que acaba d'abrir o seu estabelecimento de **CASA DE PASTO**, na travessa da Rua dos Mercadores, onde todas as pessoas que se dignarem procural-o serão servidas com todo o esmero, limpeza e acieo, e por preços muito commodos.

ALFAIATES

PRECISA-SE de dois officiaes bons, um para calças e outro para jaquetões.

Garante-se-lhes sempre trabalho.

OVAR — Rua dos Lavra leres, n.º 32

ANNUNCIOS

LOTERIAS

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA, com casa de cambio na rua do Arsenal, 56 a 64, LISBOA, e filial no PORTO, Feira de S. Bento, 33 a 35, faz sciente o publico da capital, provincias e ilhas que tem sempre nos seus estabelecimentos grande sortimento de bilhetes e suas divisões das loterias portugueza e hespanhola.

Satisfaz todos os pedidos, na volta do correio, em carta registrada, quer para jogo particular ou para negocio; os pedidos devem ser acompanhados de suas importancias, e as remessas feitas tambem em cartas registradas.

Envia em tempo listas; mas é conveniente fazer o pedido d'estas na occasião da requisição do jogo, isto para os pedidos particulares.

Os commerciantes que quizerem ampliar o seu commercio e negociarem em loterias, podem fazel-o dando referencias, fazendo os seus pedidos e recambiando o que não poderem vender até á vespera de se effectuar o sorteio. É negocio em que ha tudo a ganhar e nada a perder!

As loterias portuguezas são tres cada mez; e os premios maiores de réis 8:000.000.

Bilhetes a 48800 réis; meios bilhetes a 24400; quartos a 12200; oitavos a 600; e cautellas a 520, 440, 260, 220, 130, 110, 65, 55, 45 e 39 réis.

Os commerciantes da provincia, que quizerem negociar nas loterias de Madrid, têm de tirar uma licença que nas provincias é de 13500 réis por um anno (365 dias). Decreto de 23 de setembro de 1886, publicado no «Diario do Governo» de 28 de setembro de 1886 (n.º 20.)

O cambista Antonio Ignacio da Fonseca promptifica-se a dar todas as explicações e a bem servir o publico, quer para jogo particular ou para revender.

Pedidos ao CAMBISTA

Antonio Ignacio da Fonseca

56, RUA DO ARSENAL, 64

LISBOA

DEPOSITO AMERICANO

Apparelhos, Utencilios e Implementos Domesticos, Agricolas e Industriaes.

Agencia e Casa Introdutora de Artigos especiaes de Norte-America.

RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 127, PORTO.

RES-DO-CHÃO.

BOMBAS

HYDRAULICAS

De POÇO, CYSTERNA &c.

ARAME

“CERCA-ESPINHO”

Para vedar gado, &c.

GRANDE DEPOSITO DE

TUBOS DE FERRO

sincados e pretos para

CANALIZAÇÕES.

Tubos de Borracha

(CAUTCHOC).



FOGÕES CULINARIOS.

ESTUFAS DE SALA.

LOUÇAS DE FERRO

“AGATE”

Para serviços da cozinha e mesa, &c.

ARADOS.

Debulhadoras de Milho.

PRENÇAS

Para Fructas e Drogas.

E OUTROS ESPECIALIDADES, &c.

MOTORES A VENTO

(ou Moinhos de Vento)—TUBINA DE FERRO—systema o mais economico possível para elevar agua a qualquer distancia.

MACHINAS E ARTIFICIOS DIVERSOS POR ENCOMMENDA.

Accita-se ORDENS para os Estados Unidos da America, e para Inglaterra

ESCRITORIO, 2.º andar, HERBERT CASSELS, Agente, 127, MOUSINHO DA SILVEIRA, PORTO.

(Telefone N.º 250.)

TYPOGRAPHIA

DO

POVO DE AVEIRO

RUA DA ALFANDEGA, 7

Imprimem-se cartões de visita, avisos, participações de casamento e cartas de convite.

Preços convidativos

JOÃO AUGUSTO DE SOUZA

COM

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM

AVEIRO

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, camas de ferro, fogões, chumbo em barra, prégio d'arame, etc.



Vinho Nutritivo de Carne

Privilegiado, auctorizado pelo governo, e approvedo pela Junta consultiva de saude publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene da corte do Rio de Janeiro

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inação dos órgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellente «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafeição, os envolveros das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Genebra Moreira

CHAMA-SE a attenção dos srs. consumidores para estas qualidades de genebra.

É a mais barata, mais aromatica e estomacal até hoje conhecida.

Continúa a ter acolhimento geral em todo o paiz, tendo sido premiada nas duas ultimas exposições portuguezas de 1884 e 1887.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registada) de MOREIRA & C.º e a rolha com a firma [fac-simile] dos fabricantes.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorizada e privilegiada. É um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 réis. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene, da corte do Rio de Janeiro, ensaiado e approvedo nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

REMEDIOS DE AYER

Pectoral de cereja de Ayer—O remedio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tuberculos pulmonares.

Extracto composto de saparrilha de Ayer—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

O remedio de Ayer contra as sezões—Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas catharticas de Ayer—O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.



VIGOR DO CABELLO DE AYER—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Acido Phosphato de Horsford's



É um agradável e saudavel REFRESCO. Misturado apenas com agua e assucar faz uma bebida deliciosa, e é um especifico contra nervoso e dores de cabeça; sendo tomado depois de jantar auxilia muito a digestão. É baratissimo porque basta meia colherinha do acido para meio copo de agua.

Os agentes JAMES CASSELS & C.º, rua de Mousinho da Silveira, 127, 1.º, Porto, dão as formulas de todos estes remedios aos srs. Facultativos que as requisitarem.

Perfeito Desinfectante e Purificante de JEYES, para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura de doas de roupa, limpar metaes, e curar feridas.

Vende-se nas principaes pharmacias e drogarias. Preço, 240 réis.º

Typographia do POVO DE AVEIRO

Rua da Alfandega, n.º 7



AGENCIA ECONOMICA, MARITIMA E COMMERCIAL

PASSAGENS DE TODAS AS CLASSES EM TODAS AS COMPANHIAS

PARA

PARA, MARANHÃO, CEARA' E MANAUS

PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, SANTOS E RIO GRANDE DO SUL

Preços sem competencia

Passagens de 3.º classe a 25000 réis

Para a provincia de S. Paulo dão-se passagens gratis.

Para informações e contrato de passagens, trata-se unicamente em Aveiro, rua dos Mercadores, 19 a 23, com o correspondente

Manuel José Soares dos Reis.

ATTENÇÃO.—O annunciante encarrega-se da liquidação de heranças e quaesquer outros negocios em todo o imperio do Brazil, mediante modica commissão.